



Eowyn Ivey

FINALISTA DO **PRÊMIO PULITZER.**

A MENINA DA NEVE

ELA É A RESPOSTA DE SUAS ORAÇÕES OU UM ESTRANHO E MÁGICO SONHO?

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



SUMÁRIO

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

PARTE UM

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

PARTE DOIS

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[PARTE TRÊS](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[CAPÍTULO 46](#)

[CAPÍTULO 47](#)

[CAPÍTULO 48](#)

[CAPÍTULO 49](#)

[CAPÍTULO 50](#)

[CAPÍTULO 51](#)

[CAPÍTULO 52](#)

[CAPÍTULO 53](#)

[CAPÍTULO 54](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[NOTAS](#)

Eowin Ivey

A MENINA DA NEVE

Tradução:
Paulo Polzonoff Junior



©2012 Eowyn Ivey

Publicado sob acordo com Little, Brown, and Company, Nova York,
Nova York, EUA.

© 2015 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2015

Produção Editorial:

Equipe Novo Conceito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ivey, Eowyn

A menina da neve / Eowyn

Ivey ; tradução Paulo

Polzonoff Junior. -- Ribeirão

Preto, SP : Novo Conceito

Editora, 2015.

Título original: The snow
child.

ISBN 978-85-8163-802-7

1. Ficção norte-americana I.
Título.

15-07235 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Parte da renda deste livro será doada para a **Fundação Abrinq**, que promove a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

Saiba mais: www.fundabrinq.org.br



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para minhas filhas Grace e Aurora

PARTE UM

— *Esposa, vamos para o jardim fazer uma linda menina de neve, e talvez ela ganhe vida e seja uma filhinha para nós.*

— *Marido, diz a velha, não dá para saber o que vai acontecer. Vamos para o jardim e façamos uma menina de neve.*

— *“LITTLE DAUGHTER OF THE SNOW”, DE ARTHUR RANSOME*





CAPÍTULO 1

RIO WOLVERINE, ALASCA, 1920

Mabel sabia que haveria silêncio. Esse era o sentido de tudo, afinal. Nenhum a criança gritando nem uivando. Nenhum filho de vizinho se divertindo em patins pela rua. Nada de barulho de pezinhos nas escadas de madeira gastas lentamente durante gerações, nem o barulho de brinquedos batendo no chão da cozinha. Todos esses sons do fracasso e arrependimento dela seriam deixados para trás e, no lugar deles, havia apenas silêncio.

Ela imaginava que na natureza intocada do Alasca o silêncio seria pacífico, como neve caindo à noite, o ar cheio de promessa, mas, sem som, não foi isso o que ela descobriu. Pelo contrário, quando ela varria o chão, a vassoura arranhava a madeira como uma ferramenta afiada qualquer ferindo seu coração. Quando lavava a louça, pratos e potes batiam uns nos outros como se fossem se quebrar em pedacinhos. O único barulho feito por outra coisa era o crocitar repentino de um corvo lá fora. Mabel pendurou o pano de prato num gancho e olhou pela janela da cozinha a tempo de vê-lo lançando-se no ar do galho nu de uma bétula para outra. Nenhuma criança correndo atrás da outra em meio às folhas de outono, gritando o nome uma da outra. Nem mesmo uma criança solitária num balanço.



Houve uma. Uma coisinha que nasceu imóvel e silenciosa. Dez anos se passaram, mas ainda hoje ela se percebe voltando ao nascimento para tocar o braço de Jack, pará-lo e pedir ajuda. Ela deveria. Deveria ter colocado a cabeça do bebê na palma da mão e sugado uns fios do cabelinho para prendê-los num nó em sua garganta. Ela deveria ter olhado o rostinho e sabido se era menino ou menina, e depois ter ficado ao lado de Jack, que enterraria o bebê no chão frio do inverno da Pensilvânia. Ela deveria ter construído um túmulo. Ela deveria ter se permitido aquele luto.

Afinal, era uma criança, apesar de parecer mais com um monstrinho de contos de fadas. O rosto fino demais, a boca minúscula, orelhas pontudas; isso tudo ela vira e chorara porque sabia que ainda assim era capaz de amá-lo.



Mabel ficou tempo demais na janela. O corvo já havia desaparecido no alto

das árvores. O sol sumira atrás de uma montanha e a luz diminuía. Os galhos estavam nus, a grama, amarelada. Nenhum floco de neve. Era como se tudo de bom tivesse sido varrido do mundo como pó.

Novembro estava próximo, e isso a assustava porque sabia o que novembro trazia — frio no vale como a morte, o vento glacial entrando nas frestas entre as madeiras da cabana. Mas o pior era a escuridão. Uma escuridão tão completa que até mesmo as horas mal iluminadas se asfixiariam.

Ela passou o inverno anterior às cegas, sem saber o que esperar dessa terra nova e hostil. Agora ela sabia. Em dezembro, o sol nasceria pouco antes do meio-dia e roçaria os picos das montanhas por algumas horas de lusco-fusco antes de se pôr novamente. Mabel cochilaria sentada numa cadeira ao lado do fogão a lenha. Ela não pegaria nenhum de seus livros preferidos; as páginas não teriam vida. Não desenharia; o que haveria para registrar em seu caderno? Céus maçantes, cantos marcados pelas sombras? Ficaria cada vez mais difícil sair da cama quentinha pela manhã. Ela andaria pela cabana com sono, prepararia refeições e penduraria as roupas molhadas pela sala. Jack teria dificuldades para manter os animais vivos. Os dias se acumulariam, o inverno ganhando força.

A vida toda ela acreditara em algo mais, no mistério que moldava seus sentidos. Era o bater das asas de uma mariposa sobre o vidro e a promessa de seres mitológicos nos riachos de águas turvas. Era o cheiro dos carvalhos nas noites de verão pelas quais ela era apaixonada; e como ela se jogava no bebedouro das vacas e transformava a água em luz.

Mabel só não conseguia se lembrar da última vez em que tivera uma epifania assim.

Ela pegou as camisas de trabalho de Jack e se pôs a costurar. Tentou não olhar pela janela. Se ao menos houvesse neve... Talvez a brancura amenizasse os contornos sombrios. Talvez a neve pudesse captar um pouco de luz e refleti-la nos olhos de Mabel. Ela pensou no frio horrível que a deixaria sozinha presa na cabana e começou a respirar rápido e ansiosamente. Levantou-se para andar de um lado para o outro. Silenciosamente, ela repetia para si mesma: “Não consigo. Não consigo”.

Havia armas na casa e ela já tinha pensado nisso. O rifle de caça ao lado da estante de livros, a espingarda sobre a porta e o revólver que Jack guardava na primeira gaveta da penteadeira. Ela nunca tinha atirado, mas não era isso o que a impedia. Era a violência e a contundência do ato, e a culpa que dele surgiria. As pessoas diriam que ela tinha a mente ou o espírito fraco, ou que Jack era um mau marido. E quanto a Jack? Que tipo de vergonha e raiva ele teria de suportar?

O rio, porém... O rio era diferente. Nenhuma alma a culpar, nem mesmo a dela. Seria um infeliz passo em falso. As pessoas diriam: ah, se ao menos ela soubesse que o gelo não sustentava seu peso... Se ao menos ela conhecesse o perigo...



A tarde virou crepúsculo e Mabel se afastou da janela para acender um lampião na mesa, como se fosse preparar o jantar ou esperar pela volta de Jack, como se aquele dia fosse terminar como qualquer outro, mas por dentro ela já estava seguindo pela trilha na floresta até o rio Wolverine. O lampião queimava enquanto Mabel amarrava as botas de couro, colocava o casaco sobre o vestido e saía. Suas mãos e cabeça estavam expostas ao vento.

Ao caminhar em meio às árvores nuas, Mabel estava ao mesmo tempo empolgada e entorpecida, assustada com a clareza do seu objetivo. Ela não pensava no que estava deixando para trás, apenas naquele instante de precisão. O bater pesado de suas botas na terra congelada. O vento frio nos seus cabelos. Sua respiração espaçada. Mabel se sentia estranhamente poderosa e segura.

Ela emergiu da floresta e ficou de pé no barranco do rio congelado. O cenário estava calmo, exceto por rajadas de vento que colavam sua saia contra as meias de lã e lançavam gelo no ar. Rio acima, o vale glacial se estendia por meio quilômetro com pedregulhos, pedaços de madeira e canais rasos, mas nesse ponto o rio era estreito e profundo. Mabel via o penhasco argiloso do outro lado que se misturava à água, formando um gelo escuro. Sob a superfície, a água cobriria sua cabeça com folga.

O penhasco tornou-se seu destino, apesar de ela esperar morrer afogada antes de alcançá-lo. O gelo tinha apenas três ou cinco centímetros de espessura, e até mesmo no auge do inverno ninguém ousaria cruzá-lo naquele ponto traiçoeiro.

A princípio suas botas ficaram presas nas pedras, congeladas na prainha arenosa, mas ela desceu o barranco íngreme e cruzou o filete de água onde o gelo era fino e frágil. Pisou e partiu o gelo, alcançando a areia seca por baixo. Então Mabel cruzou um terreno estéril de pedras e levantou a saia para passar sobre um tronco gasto pelo tempo.

Ao alcançar o canal principal do rio, onde a água ainda fluía pelo vale, o gelo não estava mais tão frágil e branco, e sim negro e firme, como se tivesse se solidificado na noite anterior. Ela deslizou a sola da bota pela superfície e quase riu do próprio absurdo — do cuidado para não escorregar, apesar de planejar se afundar no gelo.

Mabel estava há alguns metros do terreno seguro quando se permitiu parar e espiar entre as botas. Era como caminhar sobre vidro. Ela podia ver pedras de granito sob a água azul-turquesa em movimento. Uma folha amarelada passou flutuando e ela se imaginou sendo levada também e olhando para cima de maneira breve, através do gelo incredivelmente claro. Antes que a água enchesse seus pulmões, será que ela seria capaz de ver o céu?

Aqui e ali, bolhas do tamanho da mão dela estavam congeladas em círculos

brancos, e em outros lugares havia fissuras. Mabel se perguntava se o gelo era mais frágil naqueles lugares e se ela deveria buscá-los ou evitá-los. Ela endireitou os ombros, olhou para a frente e caminhou sem olhar para baixo.

Ao cruzar o meio do rio, a face do penhasco estava quase ao alcance da mão, a água era um rugido abafado e o gelo cedia um pouco sob o peso dela. Contra a vontade, ela olhou para baixo e o que viu a deixou apavorada. Nada de bolhas. Nada de rachaduras. Apenas o negro sem fim, como se houvesse um céu noturno sob seus pés. Ela se moveu para dar outro passo rumo ao penhasco e ouviu um barulho profundo e ressonante, como o de uma enorme garrafa de champanhe sendo aberta. Mabel abriu as pernas e seus joelhos tremeram. Ela esperou que o gelo cedesse, que seu corpo mergulhasse no rio. Então houve outro barulho, e ela teve certeza de que o gelo tinha se quebrado sob suas botas, mas milimetricamente, de forma quase imperceptível, exceto por aquele barulho horrível.

Mabel esperou e respirou fundo, e a água não veio. O gelo a suportou. Ela deslizou os pés lentamente, primeiro um e depois o outro, várias vezes, movimentos lentos até chegar ao ponto onde o gelo se encontrava com o penhasco. Ela nunca imaginou que chegaria ali, do outro lado do rio. Mabel colocou as mãos nuas sobre o gelo e depois todo o corpo até que sua testa estivesse encostada na argila e ela pudesse sentir o cheiro das pedras antigas e úmidas.

O frio começou a invadi-la, então ela colocou os braços ao lado do corpo, tirou o rosto do penhasco e começou a jornada de volta pelo mesmo caminho que fizera. Seu coração pulsava na garganta. Suas pernas estavam trêmulas. Ela se perguntava se agora, no caminho de volta para casa, cairia no rio e morreria.

Ao se aproximar da terra firme, ela quis correr, mas o gelo estava liso demais sob seus pés, então Mabel escorregou como se estivesse patinando e caiu perto do barranco. Ela ofegou e tossiu e quase começou a rir, como se tudo tivesse sido uma aventura louca e divertida. Então se abaixou com as mãos nuas nas coxas e tentou se acalmar.

Quando se levantou devagar, a paisagem se estendia amplamente diante dela. O sol se punha no rio, lançando uma luz fria e rosada pelas montanhas cobertas de gelo que emolduravam os dois lados do vale. Rio acima, os arbustos e as pedras, as florestas de abetos e as porções de álamo cresciam diante das montanhas, num azul de aço. Nada de plantações e cercas, casas ou estradas; nenhuma alma viva até onde ela conseguia enxergar em qualquer direção. Somente a natureza selvagem.

Era lindo, Mabel sabia, mas era uma beleza que escancarava seu corpo e tirava suas entranhas, deixando-o impotente e exposto. Ela deu as costas para o rio e voltou para casa.



O lampião ainda queimava; a janela da cozinha brilhava enquanto Mabel se aproximava da cabana e, quando abriu a porta e entrou, o calor e a luz trêmula a afogaram. Tudo era estranho e dourado. Ela não esperava voltar.

Parecia que ela tinha saído por horas, mas ainda não eram seis da tarde, e Jack não tinha voltado. Mabel tirou o casaco e foi até o fogão de lenha, deixando que o calor se abatesse dolorosamente em suas mãos e pés. Assim que conseguiu abrir e fechar os dedos, ela pegou potes e panelas, maravilhada por se perceber realizando um trabalho tão mundano. Colocou mais lenha no fogão, preparou o jantar e sentou-se ereta diante da mesa de madeira entalhada, com as mãos no colo. Poucos minutos depois, Jack entrou, bateu as botas e tirou a palha de seu casaco de lã.

Certa de que ele de alguma forma saberia pelo que ela passara, Mabel ficou olhando e esperando. Jack lavou as mãos na pia, sentou-se diante dela e baixou a cabeça.

— Abençoe este alimento, Senhor — murmurou ele. — Amém.

Mabel pôs uma batata no prato de cada um, com cenouras cozidas e feijões. Nenhum dos dois falou. Só se ouvia o raspar das facas e garfos nos pratos. Ela tentou comer, mas não conseguiu. As palavras se amontoavam como rochedos sobre seu colo e, quando finalmente Mabel falou, as pedras eram pesadas e incômodas e foi só o que ela conseguiu arranjar.

— Fui até o rio hoje — informou.

Jack não ergueu a cabeça. Ela esperou que ele perguntasse por que ela teria feito uma coisa dessas. Talvez então ela devesse contar.

Jack segurou as cenouras com o garfo e depois passou uma fatia de pão nos feijões. Ele não deu nenhum sinal de ter ouvido.

— Ele está todo congelado, de um barranco ao outro — disse ela, quase num sussurro. Os olhos baixos, a respiração rasa, ela esperou, mas só se ouvia o mastigar de Jack, seu garfo no prato.

Mabel levantou os olhos e viu as mãos queimadas pelo vento e as mangas manchadas dele, os pés de galinha que se espalhavam nos cantos dos olhos. Ela não se lembrava da última vez que ele tocara sua pele, e aquele pensamento doía como solidão em seu peito. Então ela viu alguns fios prateados em sua barba avermelhada. Quando eles apareceram? Ele também estava ficando grisalho? Os dois desaparecendo sem que nenhum notasse o outro.

Ela ficou remexendo a comida com o garfo. Mabel olhou o lampião pendendo do teto e viu os raios de luz fluindo. Ela estava chorando. Por um instante, ficou sentada e deixou que as lágrimas escorressem ao lado do nariz até chegarem

perto da boca. Jack continuou a comer, a cabeça baixa. Mabel se levantou e levou o prato de comida até a bancada da cozinha. Virou-se e enxugou o rosto com o avental.

— Aquele gelo ainda não está sólido — comentou Jack da mesa. — Melhor ficar longe de lá.

Mabel engoliu em seco, pigarreou.

— Sim. Claro — disse.

Ela ficou ocupada ali até que seus olhos secassem, depois voltou à mesa e pôs mais cenouras no prato de Jack

— Como está a nova plantação? — perguntou ela.

— Quase pronta. — Ele pôs uma batata na boca e a limpou com as costas da mão. — Vou cortar o restante das árvores e tirá-las de lá nos próximos dias — disse ele. — Depois vou queimar um pouco mais da vegetação.

— Você gostaria que eu fosse ajudar? Posso cuidar do fogo para você.

— Não, eu vou dar um jeito.



Aquela noite, na cama, ela tomou consciência dele, o cheiro de palha e abeto em seus cabelos e barba, o peso dele ao ranger da cama, o som de suas respirações lentas e cansadas. Ele se deitou de lado, de costas para Mabel. Ela esticou a mão, pensou em tocá-lo no ombro, mas baixou o braço e ficou deitada na escuridão, encarando as costas dele.

— Acha que vamos sobreviver ao inverno? — perguntou ela.

Ele não respondeu. Talvez estivesse dormindo. Ela se virou e ficou olhando para a parede de madeira.

Quando Jack falou, Mabel se perguntou se era sono ou emoção o que deixava a voz dele grave.

— Não temos muita escolha, não é?

